



A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

Marcelo Máximo Purificação
Maria Filomena Rodrigues Teixeira
Lucineide Maria de Lima Pessoni
(Organizadores)



A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

**Marcelo Máximo Purificação
Maria Filomena Rodrigues Teixeira
Lucineide Maria de Lima Pessoni
(Organizadores)**

 **Atena**
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abraão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
 Maria Filomena Rodrigues Teixeira
 Lucineide Maria de Lima Pessoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

l61 A interlocução de saberes na antropologia 3 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Maria Filomena Rodrigues Teixeira, Lucineide Maria de Lima Pessoni. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-709-3

DOI 10.22533/at.ed.093211301

1. Antropologia. 2. Saberes. I. Marcelo Máximo Purificação (Organizador). II. Maria Filomena Rodrigues Teixeira (Organizadora). III. Lucineide Maria de Lima Pessoni (Organizadora). IV. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

“ (...) A vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos” (HAESBAERT, 2004: p.138).

Prezados/as leitores/as, apresentamos a vocês a obra: “A Interlocação de Saberes na Antropologia 3”, organizada a partir da perspectiva dialógica de estudos desenvolvidos por pesquisadores/investigadores do Brasil, Portugal, Moçambique e Uruguai. Uma obra perpassada por temas amplos e alargados dentro do ponto de vista da antropologia e áreas afins, dos quais citamos: etnógrafos, etnicidade, ancestralidade, cultura, comunidade quilombola, consumismo, Estado, gêneros, identidade étnica, dependência química, experiência multissensorial, jovens, mudanças climáticas, natureza, mar, sexo, ontologia tsonga- tumbuluko, recursos naturais, redes locais de cuidado, saber profissional, transexualidade, virada ontológica e etc.

Organizada em treze capítulos, que possibilitam o encontro de saberes, vistos a partir da lupa de artefatos históricos, sociais, culturais e políticos, estabelecendo liames com a antropologia numa perspectiva crítica e reflexiva. Pesquisas elaboradas nessa natureza (crítica/reflexiva) interligando saberes antropológicos, têm grande potencial de (des/re) territorialização de novos saberes, como bem afirma Rogério Haesbaert (2004)¹ Esses novos saberes, vistos pelo viés da antropologia reverberam discussões que podem colaborar para conhecimentos limítrofes às racionalidades, as sociedades e as culturas. Isto dito, desejamos a todos/as, uma boa leitura. Que os textos, contidos nesta obra, possam possibilitar a vocês leitores/as movimentos reflexivos constantes e novos conhecimentos.

Dr. Marcelo Máximo Purificação
Dra. Maria Filomena Rodrigues Teixeira
Dra. Lucineide Maria de Lima Pessoni

¹ HAESBAERT, Rogério (2004): O mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à Multiterritorialidad.: Bertrand Brasil. Anteriormente citado na epígrafe dessa sessão.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONSTRUIR SABER PROFISSIONAL DE TERRENO COM JOVENS ETNÓGRAFOS SOCIAIS	
Telmo H. Caria	
DOI 10.22533/at.ed.0932113011	
CAPÍTULO 2	8
DIÁLOGO ENTRE ANCESTRALIDADE FEMININA, SÍMBOLOS E ETNICIDADES	
Viviane Sales Oliveira	
Marise de Santana	
DOI 10.22533/at.ed.0932113012	
CAPÍTULO 3	20
“É MUITA FALTA DE IMAGINAÇÃO”: UMA REFLEXÃO ANTROPOLÓGICA SOBRE A (NEO)MATERIALIZAÇÃO DO SEXO E DO ESTADO A PARTIR DE PROCESSOS JURÍDICOS DE RETIFICAÇÃO DE NOME CIVIL E DE GÊNERO EM PORTO ALEGRE/RS	
Lucas Riboli Besen	
DOI 10.22533/at.ed.0932113013	
CAPÍTULO 4	40
APLICANDO A VIRADA ONTOLÓGICA NA GOVERNANÇA CLIMÁTICA: O CASO DA AMAZÔNIA	
Fronika Claziena Agatha de Wit	
DOI 10.22533/at.ed.0932113014	
CAPÍTULO 5	52
EMBATE ONTOLÓGICO ENTRE A INSTITUIÇÃO MÉDICA EM MOÇAMBIQUE E AS PRÁTICAS DE CURA TSONGA	
Nosta da Graça Mandlate	
DOI 10.22533/at.ed.0932113015	
CAPÍTULO 6	64
ETNOGRAFIA: A PESQUISA DE CAMPO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS- SALGUEIRO/PE	
Maria Jorge dos Santos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.0932113016	
CAPÍTULO 7	77
HABITANDO LA COSTA Y EL MAR: UN ESTUDIO SOBRE MARITIMIDADES EN EL ESTE DE URUGUAY	
Leticia D'Ambrosio Camarero	
DOI 10.22533/at.ed.0932113017	
CAPÍTULO 8	97
INTERFACES ENTRE GÊNERO E DEPENDÊNCIA QUÍMICA: TRAJETÓRIAS	

MASCULINAS

Janine Targino

DOI 10.22533/at.ed.0932113018

CAPÍTULO 9..... 112

“MENINO VESTE AZUL, MENINA VESTE ROSA”: GÊNERO E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Juliana Abonizio

Eveline dos Santos Teixeira Baltistella

Susana Gonçalves Costa

DOI 10.22533/at.ed.0932113019

CAPÍTULO 10..... 124

NATUREZA E CULTURA: DO AUSTRALOPITHECUS AO HOMO SAPIENS SAPIENS E AO “HOMO CRETINENSIS”

Nuno Manuel dos Santos Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.09321130110

CAPÍTULO 11 139

REDUCCIONISMO CONSUMISTA: ANTROPOLOGIA EM RISCO

Manoel Cambuim de Lima

Jacir Alfonso Zanatta

DOI 10.22533/at.ed.09321130111

CAPÍTULO 12..... 152

ENVELHECIMENTO E DOENÇAS CRÓNICAS: DAS VULNERABILIDADES À FRAGILIDADE

Marta Maia

Oswaldo Matavel

DOI 10.22533/at.ed.09321130112

CAPÍTULO 13..... 158

ESTIGMA, DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA. MULHERES QUE VIVEM COM VIH NA CIDADE DE MAPUTO, MOÇAMBIQUE

Oswaldo Matavel

Marta Maia

DOI 10.22533/at.ed.09321130113

SOBRE OS ORGANIZADORES 165

ÍNDICE REMISSIVO..... 167

CAPÍTULO 2

DIÁLOGO ENTRE ANCESTRALIDADE FEMININA, SÍMBOLOS E ETNICIDADES

Data de aceite: 04/01/2021

Viviane Sales Oliveira

Órgão de Educação das Relações Étnicas
ODEERE
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Jequié-Bahia
<http://lattes.cnpq.br/3620031351978181>

Marise de Santana

Órgão de Educação das Relações Étnicas
ODEERE
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Jequié-Bahia
<http://lattes.cnpq.br/5657117327406792>

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar a construção dos caminhos metodológicos para a análise das etnicidades evidenciadas pelos símbolos ancestrais conservados no Candomblé, durante curso de Mestrado Acadêmico em Relações Étnicas e Contemporaneidade, promovido pelo Órgão de Educação das Relações Étnicas - ODEERE, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Trata-se de um estudo que envolve ancestralidade feminina, símbolos e etnicidades investigados e analisados sob o enfoque do Estudo das Formas Simbólicas - Hermenêutica de Profundidade-HP, proposto por John Thompson (2005). Para tanto, foi realizada pesquisa etnográfica no terreiro de Candomblé de Nação *Kétù, Ilé Alàkétù Asè Omi T'Ogun*, localizado em Vitória da Conquista, Região Sudoeste da Bahia, com foco no estudo da ancestralidade feminina a partir do culto a *Ìyà*

Mì e seus elementos simbólicos enunciadore de etnicidades. Estudo este que evidenciou a ancestralidade como elemento simbólico responsável pela produção dos traços dos repertórios da identidade étnica e vetores de etnicidades do/as participantes da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Ancestralidade - Formas simbólicas – Etnicidades – identidade étnica.

DIALOGUE BETWEEN FEMALE ANCESTRALITY, SYMBOLS AND ETHNICITIES

ABSTRACT: This article aims to present the construction of the methodological paths for the analysis of ethnicities evidenced by the ancestral symbols conserved in Candomblé, during an Academic Master's course in Ethnic Relations and Contemporaneity, promoted by Órgão de Educação das Relações Étnicas - ODEERE, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. It is a study that involves female ancestry, symbols and ethnicities investigated and analyzed under the focus of the Study of Symbolic Forms - Depth Hermeneutics-HP, proposed by John Thompson (2005). To this end, ethnographic research was carried out in the Candomblé *Kétù, Ilé Alàkétù Asè Omi T'Ogun*, located in Vitória da Conquista, Região Sudoeste da Bahia, in the study of female ancestry from the cult of *Ìyà Mì* and its symbolic elements that enunciate ethnicities. This study evidenced ancestry as a symbolic element responsible for the production of the traces of the repertoires of ethnic identity and vectors of ethnicities of the research participants.

KEYWORDS: Ancestrality - Symbolic forms -

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta discussões travadas durante a realização da pesquisa no curso de Mestrado Acadêmico em Relações Étnicas e Contemporaneidade, promovido pelo Órgão de Educação das Relações Étnicas - ODEERE, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Curso este da qual fiz parte como mestranda e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, inserida na área de concentração em Relações étnicas, gênero e sociedade, com atuação na linha 1 de pesquisa, “Etnicidade, memória e educação”, no período de 2018 a 2020.

A pesquisa supracitada partiu, portanto do contexto do Candomblé, construção da diáspora negra em solo brasileiro, portanto, um exemplo de territorialidade que compartilha uma história comum. Compreendemos território conforme nos explica Milton Santos (2014), em que o território onde vivemos “é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também um dado simbólico” (SANTOS, 2014, p. 82). Segundo ao autor, a linguagem regional é elemento constituinte “desse mundo de símbolos, e ajuda a criar esse amálgama, sem o qual não se pode falar de territorialidade” (SANTOS, 2014, p. 82), nesse sentido, está o Candomblé – um exemplo de territorialidade com aspectos religiosos estruturada e organizada a partir de heranças africanas; um território afro-brasileiro.

Trata-se de uma pesquisa de cunho antropológico, segue a linha Interpretativa; com vistas ao estudo da ancestralidade feminina a partir do culto a *Ìyà Mì* e seus elementos simbólicos enunciadore de etnicidades. Adotamos a etnografia, tendo em mente conforme explica James Clifford (2008), “de que a etnografia está, do começo ao fim, imersa na escrita. Esta escrita inclui no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual” (CLIFFORD, 2008, p. 21). Experiência essa, que nas palavras do autor “tem servido como uma eficaz garantia de autoridade etnográfica” (CLIFFORD, 2008, p.36).

Essa pesquisa etnográfica foi fundamentada no Estudo das Formas Simbólicas - Hermenêutica de Profundidade-HP, proposto por John Thompson (2005), com o propósito de analisar as relações étnicas a partir da ancestralidade feminina através do culto a *Ìyà Mì*. Tem por título “*Ìyà Mì Èlèyè faz morada no Omi T’ogun: um estudo sobre mitos, ritos, símbolos e etnicidades*”; e teve por objetivo investigar no universo religioso do terreiro pesquisado os elementos simbólicos enunciadore de etnicidades presentes no culto à *Ìyà Mì*.

A pesquisa foi realizada no terreiro de Candomblé de Nação *Kétù, Ilé Alàkétù Asè Omi T’Ogun*, localizado em Vitória da Conquista, Região Sudoeste da Bahia, Assim, o campo que se constitui o recorte empírico da realidade investigada é definido nesta pesquisa pelo terreiro “*Ilé Alàkétù Asè Omi T’Ogun*.” - Campo-sujeito-objeto em que, “os próprios analistas

sociais, os sujeitos capazes de compreender, de refletir e de agir fundamentalmente nessa compreensão e ação” (THOMPSON, 2005, p. 359).

A coleta de dados feita mediante entrevistas semiestruturadas realizadas com o/as participantes, o/as quais são sacerdotes e sacerdotisas do referido terreiro. Através dessas entrevistas tivemos a oportunidade de entrar em contato com dados primários construídos “no diálogo com o indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia” (MYNAIO, 2009, p. 65). Dados estes que foram complementados por informações procedentes da observação participante que nos colocou a experimentar a tradução dos acontecimentos referentes ao culto de *Iya Mi* no terreiro pesquisado.

Dentro deste contexto, após investigação de elementos de uma cosmovisão de legado africano preservado em nossa cultura, elementos vivos nos Candomblés, que ressignificam estruturas sociais, políticas e culturais dimensionadas pela interação com a natureza, com a comunidade, o respeito à tradição e a convivência com fenômenos sociais diversos, a pesquisa buscou bases de sustentação na discussão teórica das relações étnicas e dos elementos enunciadores de etnicidades construídos nessa experiência com a ancestralidade coletivizada reveladora do poder feminino.

Neste sentido, o Estudo das Formas Simbólicas procura interpretar o sentido e o significado de fenômenos culturais envolvido nos contextos sociais. Estes contextos produzem formas simbólicas que enunciam diferentes sentidos, desta forma, as diferentes identidades étnicas vão interpretar os sentidos dos símbolos de acordo com suas etnicidades. Interpretações essas, que muitas vezes são divergentes e conflitivas, temática discutida no âmbito das fronteiras étnicas. Com isso, tem-se que as diferentes formas simbólicas enunciativas de diferentes etnicidades, estão sempre enunciando relações de fronteiras, ainda que de caráter maleável e fluída. Estas fronteiras étnicas evidenciam os diferentes pensares das identidades étnicas.

Percebemos que esta pesquisa trouxe como contribuição aos estudos referentes às relações étnicas, os resultados analíticos focalizadas na ancestralidade feminina destacando no seu sistema simbólico os campos de interações étnicas evidenciadas através dos mitos, ritos, cantos, rezas e cosmogonia de diversas etnicidades. Compreendendo que os símbolos enunciam as etnicidades e as diferentes identidades étnicas produzem símbolos e os interpretam de acordo com as suas. Estabelece desta maneira, um diálogo entre o símbolo, etnicidades e identidade étnica que gera o sentido social e relacional do símbolo.

Diante da complexidade da pesquisa discussões foram realizadas nas reuniões da “Disciplina de Pesquisa Orientada” e no âmbito dos encontros do “Grupo de Pesquisa Educação e Relações Étnicas: Saberes e Práticas do Legado Africano e Indígena” no intuito de estabelecer as categorias de análises e de como através do arcabouço da etnografia iríamos proceder com as análises dos dados, tendo em vista, os contextos em que as formas simbólicas são produzidas e interpretadas e, especialmente, de qual etnicidade está presente nas narrativas do/as participantes da pesquisa e, as fronteiras étnicas realçadas.

Neste sentido, discutimos neste artigo caminhos que delineamos para análise e construção da dissertação. Entre estes caminhos, destacamos a ancestralidade feminina através dos símbolos emanados do culto à *Iyà Mi*, pois essa categoria tem em si o princípio que norteia as construções simbólicas e ainda, é responsável pela produção dos traços dos repertórios da identidade étnica e vetores de etnicidades do/as participantes da pesquisa.

A pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa-CEP, conforme Comprovante de número 012135/2019, recebido para análise em 14 de fevereiro de 2019, sendo aprovada pelo CEP que emitiu parecer de número 3.233.729, em 29 de março de 2019; CAAE de número 07874818.4.0000.0055.

21 O COMPLEXO SIMBÓLICO DA ANCESTRALIDADE FEMININA ATRAVÉS DE IYÀ MI

Muito dos saberes das etnias africanas foram conservadas no Brasil; “grande parte do patrimônio cultural negro africano” (SODRÉ, 2002, p.52) aqui se consolidou. Segundo Sodré (2002), o patrimônio cultural referenciado está relacionado ao significado de herança, legado e memória, tanto técnico, físico, quanto simbólico. Compreendendo nessa relação e considerando fatores determinantes, citados pelo autor: “étnicos, políticos e simbólicos” (Idem). Sendo assim, o patrimônio cultural dos povos africanos no Brasil se preserva e se transmite através da memória ancestral de legado africano.

Fundamentados nessa memória, os povos nagôs preservam sua forma mítico-político-econômico-religiosa através da construção do terreiro que conserva e ressignifica saberes e fazeres de origem africana, Sodré (2002). Nesta oportunidade, nos detemos aos estudos referentes ao terreiro de Candomblé da nação *Kétù*, por neste espaço conservar saberes a respeito de *Iyà Mi* diretamente ligada as ancestrais femininas.

Com isso, a referida pesquisa e este artigo apresentam produções culturais de legado africano da região, bem como, os seus valores civilizatórios que determinam o comportamento do/as adepto/as dos Candomblés destacando o culto às divindades femininas dentro de suas liturgias, revelando uma realidade muito mais complexa e um universo rico em elementos a serem estudados através de numerosas fontes ainda inexploradas (SOUSA, 2001, p.17), não limitando apenas a saber, como são e como estruturam, mas interpretar os seus significados mais profundos “(...) no sentido de compreender a inserção dessas práticas religiosas no âmbito da sociedade” (BENISTE, 1997, p.13), e de suas relações étnicas.

Demarcam-se, neste campo, elementos simbólicos de um saber ancestral feminino, “a partir de seus mecanismos rituais, tais quais são expressos e elaborados simbolicamente (...) nas comunidades, grupos ou associações que se qualificam a si mesmos de *Nàgó* e que a etnologia moderna chama de *Yorùbá*” (BENISTE, 1997, p.13). Com isso, colocamos em investigação e análises os construtos do culto à *Iyà Mi* com destaque aos símbolos que

abrem um caminho para pensá-la, interpretá-la, enquanto valores étnicos, considerando que os seus significados estão sempre fundamentados em mitos. A investigação nos possibilitou demarcar elementos simbólicos construídos por etnias, que permeiam as identidades étnicas do/as participantes.

A “cosmovisão africana reitera do culto aos ancestrais praticamente todos os seus elementos”, (OLIVEIRA, 2006, p. 63), entre eles estão: “concepção de pessoa, poder, universo, trabalho, natureza, vida, morte” (Idem). O autor, em estudo feito a respeito da cosmovisão africana no Brasil, analisa estes elementos preservados no Candomblé. Dentre estes elementos, destacamos:

1. a compreensão do humano, possibilitando várias expressões, indo além da redução binária homem/mulher;
2. a flexibilidade, interação, interdependência e a valorização da coletividade através do fortalecimento da comunidade, levando a uma concepção de interpretações múltiplas na construção do saber/fazer;
3. a compreensão da relação homem-natureza formando um elo indissociável, envolvidos na dinâmica dialética entre o humano e os seres da natureza;
4. a religiosidade fundamentada nos ritos, mitos, ancestralidade e tradições africanas que permeiam as atividades cotidianas atingindo, dessa forma, as relações sociais (OLIVEIRA, 2006, p. 74-121);
5. a família centro de resistência e de defesa cultural (LIMA, 2003, p.27);
6. a ancestralidade - um dos elementos mais constantes na cultura africana; fundamental em sua cosmovisão.

Os povos africanos de origem nagô conservaram aqui no Brasil os cultos ancestrais aos *Ésàs*- ancestrais coletivos dos afro-brasileiros; aos *Egungun*, “culto ancestral masculino, individualizado; caracterizado pela proteção da comunidade e os guardiões da tradição e da moralidade” (OLIVEIRA, 2006, p. 64); as ancestrais femininas que estão organizadas obedecendo à classificação da esquerda (enquanto que os *Egungun* pertencem ao lado direito), organizadas em sociedades *Gèlédé* e *Egbè E'léékò*. “Suas aparições materializadas no decorrer das cerimônias *destas sociedades* simbolizam aspectos coletivos do poder ancestral feminino” (SANTOS, 1986, p. 106).

De acordo a orientação metodológica adotada apresentamos as discussões realizadas a partir da análise das narrativas coletadas pelas entrevistas realizadas com sacerdotes e sacerdotisas, constituindo assim no/as analistas sociais como os denominam Thompson (2005), que interpretam os sentidos e significados de *Ìyà Mi*. Diante as análises realizadas colocamos em destaque os símbolos dominantes, aqueles que são apontados nas narrativas do/as participantes da pesquisa, como diz Turner (1974) do/as especialistas.

As interpretações simbólicas dos símbolos identificados, segundo Turner (1974), “constituem a hermenêutica padronizada da cultura (...) e não de associações livres ou

opiniões excêntricas de indivíduos” (TURNER, 1974, p. 23). Dessa forma, coletamos interpretações do/as especialistas, pois são sacerdotes e sacerdotisas conhecedore/as da divindade e de seus ritos.

O complexo simbólico que envolve a ancestralidade feminina tomam formas existenciais por meio do ritual. A ritualística é fundamental para o Candomblé. Essa fundamentalidade é explicada por Sodré (2002) quando coloca o ritual como forma de construir as verdades do grupo evidenciando seus elementos simbólicos que constroem o saber, a sua verdade, o seu real. Sobre a relação do ritual com o símbolo Turner (2005) diz entender que o ritual seja “o comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres de poderes místicos” (TURNER, 2005. p. 49).

Nesse sentido, “o símbolo é a menor unidade do ritual que ainda mantém as propriedades específicas do comportamento ritual; é a unidade última de estrutura específica em um contexto ritual” (Idem). Segundo ele, os símbolos que podem ser observados podem ser encontrados “em objetos, atividades, relações, eventos, gestos e unidades espaciais em uma situação ritual”.

Delineada a caminhada, destacamos símbolos presentes no ritual que passam por interpretações carregadas de sentidos atribuídos pelo/as entrevistado/as, contextualizados com as relações sociais e étnicas estabelecidas. Com isso, têm-se: *Ìyà Mi* e as simbologias que são paridas dela.

Ìyà Mi é uma divindade do panteão *Nàgó* que aqui preservou como legado das etnias *nagôs*. A pesquisadora traz em seus estudos que “os antepassados femininos agrupados (...) *Ìyà Mi Osonongà* representam uma totalidade, uma massa, um grande “ventre” simbolizado pelo *igbá*- cabaça” (SANTOS, 1986, p. 106). Assim, entre as divindades de legado africano cultuados no Candomblé está aquela que representa o poder místico da mulher e que é o assunto central deste artigo, *Ìyà Mi Òsòròngà* – nossas mães primeiras.

Também chamadas de *Eleiye* – “donas dos pássaros (...) proprietárias de uma cabaça que contém um pássaro. Elas mesmas se transformam em pássaro”. (VERGER, 1994, p. 16). *Ìyà Mi* é um dos Orixás mais antigos; detentora de grande força e poder. Acredita-se que os Orixás femininos são remanescentes das *Ìyà Mi*, situadas no limiar da civilização. Em África, a *Ìyà Mi* é o poder atribuído às mulheres velhas, recebido como herança de sua mãe ou de uma de suas avós, Verger (1994).

A totalidade desse poder e o seu alcance conforme visto, caracteriza a divindade como detentora do saber, conhecedora dos segredos da vida, capazes de manipular energias interferindo no controle do ciclo vital desde o nascimento até a morte, tornam-se uma divindade respeitada por todos.

Também chamada por “*Ìyà NLà* – A Grande Mãe – *Ìyà Mon* – a Mãe de todos, que sem sua boa vontade a própria vida na Terra não teria continuidade” (BENISTE, 1997, p. 60). Seu culto é cercado de cuidados e segredos. Evitando até a pronúncia de seu nome,

sem a devida reverência. No Candomblé em diversos ritos são feitos pedidos e oferendas de proteção, a exemplo do *Ipapé* – significa ritual de encontro, onde se saúda e reverencia os ancestrais e o *Orixá Exu*.

Neste rito, *Ìyà Mi* é invocada com respeito; ocasião em que se oferece água a Terra (simbolizando o corpo descendente), apaziguando e restituindo, assim, trará fertilidade, prosperidade e expansão a comunidade. São representadas, além do pássaro como já foi citado, por: peixes, ratos, morcegos, sereias, caracterizando seu mistério (LUZ, 2013, p. 74-75).

Portanto, as investigações deram conta que o culto à *Ìyà Mi* simbolicamente, “É culto feminino (...) é o culto das mulheres. Tem uma limitação para o homem. Assim como o de *Bàbà Egun* é voltado para os homens; é um culto masculino. O culto *Delas* é voltado para as mulheres”, (*Bàbàlórísà*, entrevista realizada em 2019). Através do culto composto de rituais, a comunidade evoca o poder feminino que existe nas mulheres, observada na narrativa: “*tenho em Ìyà Mi a energia concentrada (...) é ancestralidade viva em meu ser*” (*Ajimudá*, entrevista realizada em 2019).

Ìyà Mi é reveladora de um poder expansivo de caráter gerador, fértil, próspero, protetor, decisivo que permite a comunidade viver uma experiência de inclusão e inserção gerando um sentimento de pertença que se nutre na medida em que reconhece sua origem e formula saberes a partir dessa origem. É buscar o *Axé* – força vital - na fonte ancestral.

Pelo seu poder influir na fertilidade, na geração de vida, revelado na narrativa: “*Ela tem o dom da gestação*”, (*Bàbàlórísà*, entrevista realizada em 2019), *Ìyà Mi* está relacionada diretamente aos ciclos menstruais das mulheres, nas colheitas, nas decisões das mulheres. Para tanto, precisam ser restituídas, receber a água que a umedece e prover a terra com fartura de frutos, sementes.

Pelas narrativas percebemos como o/as participantes conseguem enxergar a si próprios em *Ìyà Mi*, além de vê-la como um porto seguro para os momentos de necessidade: “... *uma segurança. A gente sente que algo está protegendo de uma coisa ruim, de uma coisa que vai acontecer e acaba não acontecendo porque tem aquela força*”. (*Ìyàdagan* – entrevista realizada em 2019).

Diante das análises percebemos a evidência de elementos simbólicos estabelecidos como um conjunto de referências ao feminino através de narrativas míticas que estabelecem, assim, as marcas do poder do feminino expressos através de símbolos materiais e imateriais.

3 I A RELAÇÃO ENTRE SÍMBOLOS E ETNICIDADES

Para compor esta discussão que envolve os símbolos materiais e imateriais enunciadores de etnicidades presentes no culto à *Iya Mi*, foi necessário passar pela análise sócio-histórica proposta por Thompson (2005) que reconstrói as condições sociais

e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas observando o contexto social, situações temporais, campos de interação, instituições sociais, estrutura social e meios de transmissão.

Como explica Thompson (2005), “o objetivo da análise sócio-histórica é reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (THOMPSON, 2005, p. 366). Entram nesta análise, os meios ou formas de transmissão das formas simbólicas através da Tradição oral, um legado africano que permanece no Candomblé como forma de transmissão de conhecimentos de geração a geração “ligando o humano a palavra” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 168). A tradição oral se baseia em certa concepção do humano, do seu lugar e do seu papel no seio do universo (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 169).

Neste sentido, as narrativas do/as entrevistado/as trouxeram os saberes mitológicos referentes aos ritos dedicados à ancestralidade feminina, vivenciados no terreiro, “que se constituem como mecanismos de operação lógica para apreender o real (...) e fornece os quadros dos mecanismos de pensamento, das operações do comportamento humano e (...) das trocas sociais” (BASTIDE, 2001, p. 265). Para tanto, seguimos também as orientações metodológicas a partir dos estudos da pesquisadora Santana (2017), quando ela traz as palavras como enunciadoras de formas simbólicas construídas pelas imagens que a palavra enuncia. Com isso, interpretamos “as formas simbólicas que permeiam os universos estudados” (SANTANA, 2017, p. 5).

De acordo a pesquisadora, a palavra tem essa condição de estruturação dos mitos que através da oralidade e dos ritos podem materializar-se através das imagens. “Isto nos aponta que mito/rito são complementares e que, toda palavra enuncia imagens” (SANTANA, 2017, p. 15). Consideramos, portanto, conforme a pesquisadora que é também pela palavra que podemos pensar em valores étnicos, pois por meio delas, interpretamos os sentidos das lógicas étnicas que “atendem aos significados e concepções acerca dos símbolos que os grupos possuem” (SANTANA 2017, p. 19).

Isto posto, identificamos as simbologias que envolvem a ritualística de *Ìyà Mi* no referido terreiro, os quais obedecem a uma reestruturação e ressignificação das etnias africanas no interior dos candomblés, símbolos estes interpretados tradicionalmente e revividos pelos ritos e mitos que trazem sentidos e significados a comunidade. Com estes elementos temos condições de analisar as relações étnicas, levando em consideração, nesse sentido, a concepção de cultura de Cunha (2009) que nos explica que a cultura original da diáspora ou em situações de intenso contato adquire novos contornos.

Outro caminho desta encruzilhada é trilhado na descoberta do ““étnico” na oposição entre “eles” e “nós” e nos critérios de pertença que fundam essa oposição”, dito por Lapierre (2011) na introdução da obra de (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 2011. p. 12), sem perder de vista, no horizonte da caminhada o que Lapierre (2011) aponta, como sendo uma das tarefas da pesquisa antropológica das relações interétnicas que é o sentido. Sentido

este que está “na relação com os processos de criação e de interpretação do imaginário social, ou seja, no sistema poético dos agrupamentos humanos” (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 2011. p. 14).

Justamente este caráter dialético entre aquilo que está dentro com aquilo que está fora, relação própria da pertença étnica, que vai inferir na atitude ou performance dos membros do grupo diante a diferença acionando, assim, a alteridade. Essa concepção de acordo a análise feita por Poutignat & Streiff-Fenart (2011) torna-se uma condição precisa para a etnicidade. Entendendo que a defesa da fronteira a partir de um elemento diferencial entre dois grupos, por exemplo, materializa-se no elemento construtivo da identidade deste grupo. “A manutenção das fronteiras baseia-se no reconhecimento e na validação das distinções no decurso das interações sociais”, conclui (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 2011. p. 158).

Desta forma, um dos elementos simbólicos evidenciados foi à concepção simbólica a respeito da ancestralidade. As interpretações desse princípio vivo pelo/as entrevistado/as são carregadas de etnicidades. Podemos dizer que a etnicidade é como uma construção social dinâmica sistematizada diante a diferença capaz de provocar ações e reações entre “este” e os outros, Poutignat & Streiff-Fenart (2011). Para o/as entrevistados, a ancestralidade é um conhecimento herdado das etnias africanas.

A ancestralidade se revela nas entrevistas realizadas como construções epistemológicas das diversas etnias africanas e mais precisamente as etnicidades de construções *kétù-Nàgó*. Trata-se de uma produção de saberes e fazeres tendo como centro a ancestralidade que desdobra no respeito e valorização “daquele/a que comeu primeiro; que chegou primeiro”, ou seja, o/a mais velho/a. Constitui-se assim, numa experiência ética assinalada por Oliveira (2012). Algo que podemos constatar ao observar as narrativas seguintes, que ao contrastar o sentido e significado de ser mais velho, com os comportamentos fundamentados em construções étnicas diferentes aos seus, que não demonstram o mesmo cuidado com a pessoa mais velha, estabelece uma fronteira étnica.

A mais velha é sempre respeitada. Enquanto em outros lugares o velho é levado para o asilo, aqui os mais novos querem ficar velhos porque sabe que será respeitado. Numa roda, numa palavra a gente passa de um modo geral, a prioridade a pessoa mais velha que alcançou respeito. (*Ajimudá* - entrevista realizada em 2019).

Para *Ìyà Oju Odè*, este fato torna-se motivo de preocupação e ameaça no sentido de colocar em risco um saber ancestral. Ainda mais, quando se trata de uma sociedade que busca a eliminação de construções civilizatórias de etnias não brancas e desde o período colonial e escravista mantém um sistema social fundamentado na discriminação e racismos estabelecidos pelo etnocentrismo ocidental que atinge as etnias africanas e suas construções.

O respeito aos mais velhos eu vejo como uma coisa muito bonita, muita boa. Que hoje em dia tá se perdendo também. Quando na minha época o velho para a gente e hoje, eu sou uma pessoa já velha de santo e quando existe outra mais velha do que eu tenho aquela ternura, me encanto com aquela pessoa por que teve a vivência, a sabedoria. Me curvo, peço a benção. Hoje em dia o jovem não quer respeitar mais a hierarquia, não quer respeitar mais o seu mais velho. Alguns zelam, ainda cuidam, mas não é a mesma coisa. (*Ajimudá* - entrevista realizada em 2019).

“A mais velha”, “o mais velho”, “respeito”, “conquista”, “sabedoria”, “hierarquia” são palavras carregadas de etnicidades ao evidenciar traços paridos da ancestralidade. Podemos dizer, então, que estas interpretações são impulsionadas pela ancestralidade e são dotadas de sentidos para a comunidade; contextualizadas sócio historicamente, isso significa que os símbolos carregam caracteres especiais advindas das condições sociais em que foram produzidos.

Uma tarefa que conta também com o entendimento da categoria etnicidade, que neste caso, funciona como organizadora das diferenças, evidenciando os contrastes entre “eu” e “o/as outro/as” estabelecendo assim, as fronteiras étnicas – criadas pelos grupos étnicos. Nesta relação, temos o contraste de entendimentos entre as interpretações sobre ancestralidade pelas pessoas entrevistadas, aqui representam o “nós” e as demais interpretações, sendo “os outros”. Com isso, a identidade do povo de Candomblé se afirma em contraposição “aos outros” tornando suas etnicidades salientes. Dessa forma, a etnicidade constitui um instrumento da ação social e política, tendo nos terreiros de Candomblé um meio de mobilização e luta pelo poder de existir.

Tanto a etnicidade quanto o símbolo segue em movimento, não estanque; não é una. Estão entrelaçados nos contextos sociais de construção e interpretação, sendo ativados, de forma estratégica pelo grupo ou por uma pessoa, sempre que necessário, Oliveira & Santana (2019). O mesmo acontece entre o/as entrevistado/as ao organizar-se e relacionar-se por meio de suas etnicidades construídas simbolicamente a partir das concepções geradas em torno de suas ancestralidades que vão direcionar as suas interações. Por conseguinte, essas interações ocorrem dentro de uma família ritual organizada hierarquicamente sob o princípio da ancianidade, Luz (2000).

Este princípio reúne as construções simbólicas que foram evidenciadas nas narrativas anteriores que atribuem valores étnicos às pessoas mais velhas, “aquelas que comeram primeiro”, Oliveira & Santana (2019), significando a pessoa que primeiro passou por rituais iniciáticos. Que conquistaram respeito durante a caminhada, sendo assim, tanto a pessoa quanto a caminhada são respeitadas e sacralizadas sob este princípio. Essa marca étnica ou símbolo que caracteriza a ancianidade, o mais velho, condição que vai influenciar no processo identitário das pessoas e nesta relação são evidenciadas as construções simbólicas e etnicidades.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das discussões teóricas e dos relatos vivenciais a respeito das relações estabelecidas com a ancestralidade feminina emanada do culto à *Ìyà Mi*, percebemos os significados e sentidos atribuídos aos símbolos, especialmente a respeito da ancestralidade. Por isso, a escolha da teoria de Thompson (1995) a respeito da Hermenêutica de Profundidade-HP, também denominada por ele de hermenêutica da vida nos possibilitou tecer as análises aqui apresentadas.

As relações das pessoas com os fatos e vivências criam e fortalecem laços e enraizamentos, os quais são construtores de valores cosmológicos e cosmogônicos enunciadores de etnicidades. Por isso, Thompson (1995) valoriza o estudo do cotidiano através do enfoque da HP, pois segundo ele, o enfoque deve estar embasado na forma como se procede a interpretação das formas simbólicas e, como elas são compreendidas pelas pessoas que as produzem.

Neste contexto, a ancestralidade se constitui em um símbolo identitário mobilizado pelo/as entrevistado/as, como símbolo gerador de diferenciações étnicas, observando os traços étnicos diferenciadores negociados nas interações vivenciadas no terreiro.

Estes traços identificam o grupo étnico e suas etnicidades são evidenciadas ao observar suas construções étnicas de legado africano diante ao espaço dominante de valores etnocêntricos. Nos limites dos terreiros de Candomblé seus adeptos se deparam com um conjunto de relações socioeconômicas e culturais divergentes ocasionando conflitos, mas também, formas de resistência e afirmação de suas identidades étnicas.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia rito nagô**. Tradução Maria Isaura Pereira Queiroz. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

BENISTE, J. **Òrun Àiyè: encontro de dois mundos – O sistema de relacionamento Nagô-Yorubá entre o céu e a terra**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Ed. 3ª Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CUNHA, Manuela C. **Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível**. In: *Cultura com Aspas e outros ensaios*. São Paulo: CoascNayf, 2009. Cap: 14. Pág 239-249.

HAMPÂTÉ BÂ, Hamadou. **A tradição viva**. In: **KIZERBO, J. História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África**. Brasília-DF. UNESCO, 2010.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos Candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais**. 2. Ed. Salvador. Corrupio, 2003.

LUZ, M. A. **Agadá: dinâmica da civilização africana-brasileira**. Salvador. Centro Editorial e Didático da UFBA: sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, 2013.

LUZ, M. A. **Agadá: dinâmica da civilização africana-brasileira**. EDUFBA. Salvador, 2000.

MINAYO, M.C. S. (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, E. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba. Editora Gráfica Popular, 2006.

OLIVEIRA, V. S.; DE SANTANA, M. **Ancestralidades, identidade étnica e etnicidades no centro da resistência**. ODEERE – Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. Ano 2019, Vol. 4, n. 8, p. 94-118, Jul-Dez de 2019. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/5775>. Acesso em: 05 de novembro de 2020.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afrobrasileira**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE. Número 18: maio-outubro/2012. p. 28-47

POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. **Teoria da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras**. 2. Ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

SANTANA, Marise de. **Legados africanos: palavra enunciativa de simbolismos étnicos**. Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. Ano 2, n.3, vol. 3, Janeiro-Junho de 2017.

SANTOS. M. **O espaço do cidadão**. 7ª ed. São Paulo: Ed. USP, 2014.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nàgó e a morte: pàdè, asésé e o culto égun na Bahia**. ed. 11ª. Trad. UFBA. Petrópolis. Ed. Vozes, 1986.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro. Bahia: Prosa e Poesia. AMAGO, 2002.

SOUSA JR., Vilson Caetano de. **Na palma da minha mão: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas**. Salvador: edUFBa, 2011.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2005.

TURNER, V. W. **O processo ritual. A estrutura e antiestrutura**. Ed. Vozes. Petrópolis-RJ, 1974.

TURNER, V. W. **Floresta de símbolos. Aspectos do Ritual Ndembu**. EduFF. Niteroi-RJ, 2005.

VERGER, Pierre. **Grandeza e decadência do culto de Ìyà Mì Osorongá (minha mãe Feiticeira) entre os Yorubá**. In. Moura, Carlos Eugênio Marcondes de. (org.) - As senhoras do pássaro da noite. São Paulo. EDUSP, 1994.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ancestralidade 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 75

Antropologia 1, 2, 18, 20, 38, 41, 42, 43, 44, 62, 63, 66, 74, 96, 114, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 151, 152, 153, 158

C

Comunidade quilombola 64, 65, 71, 73, 75

Consumismo 139, 140, 147, 148

Consumo 99, 100, 103, 104, 105, 106, 108, 110, 112, 113, 114, 116, 121, 122, 123, 131, 134, 139, 140, 145, 146, 147, 148, 149

Cultura 10, 12, 15, 18, 19, 29, 40, 42, 43, 44, 47, 57, 75, 76, 81, 96, 102, 114, 116, 118, 123, 124, 125, 126, 128, 135, 136, 142, 143, 146, 147, 148, 150, 151, 160, 165, 166

D

Dependência química 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110

Drogas 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111

E

Estado 6, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 42, 45, 46, 47, 52, 56, 61, 62, 66, 91, 93, 95, 97, 100, 106, 107, 108, 110, 112, 113, 118, 131, 132, 154, 155, 158, 161, 163, 165, 166

Etnicidades 8, 9, 10, 11, 14, 16, 17, 18, 19

Etnógrafos 1, 3

F

Formas simbólicas 8, 9, 10, 15, 18

G

Gênero 9, 20, 21, 22, 24, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 97, 98, 99, 103, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 142, 165

I

Identidade étnica 8, 10, 11, 19

J

Jovens 1, 56, 57, 69, 100, 101, 102, 110, 160, 162

M

Mar 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 88, 89, 90, 92, 93, 95, 110

Mudanças climáticas 40, 41, 42, 44, 45, 48, 49, 59

N

Natureza 3, 6, 10, 12, 21, 25, 29, 35, 40, 42, 43, 44, 47, 57, 58, 70, 73, 116, 117, 118, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 142, 143, 144

O

Ontologia Tsonga-Tumbuluko 52

P

Pesquisa de campo 64, 98

R

Recursos naturais 124, 125, 128, 131, 132, 134, 136

Redes locais de cuidado 52, 57, 58, 59, 60, 61, 62

Reduccionismo 139

S

Saber profissional 1, 2, 7

Sexo 20, 21, 22, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 102, 104, 110, 117, 118, 119, 122

T

Transexualidade 20

V

Virada ontológica 40, 42, 43, 48, 49




A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 